

AS TERMAS DE ABELTERIVM

BREVE ANÁLISE DO QUE SE CONHECE

Maria Pilar Reis

RESUMO:

O edifício termal da antiga *Abelterium* é o corolário de uma interessante sequência de etapas que recuam até um primeiro balneário privado, ampliado numas termas possivelmente de cariz público, e que num derradeiro momento foram utilizadas como basílica cristã nos séculos VI/VII. Aqui apresentamos um breve ensaio de leitura da sua extensa história.

PALAVRAS-CHAVE:

Termas, vicus, água, *Abelterium*, *hypocaustum*, latrinas.

RESUMEN:

El edificio termal perteneciente a la antigua *Abelterium* es el corolario de una interesante secuencia de momentos que habrán tenido inicio en un balneario privado, ampliado en unas termas posiblemente de carácter público, y que por fin fueron utilizadas como basílica cristiana en el siglo VI/VII. Aquí presentamos un breve ensayo de lectura de su dilatada historia.

PALABRAS CLAVE:

Termas, vicus, agua, *Abelterium*, *hypocaustum*, latrinas

Séneca dizia que os primeiros romanos apenas lavavam, quotidianamente, os braços e as pernas, e que o banho completo era reservado para os dias de mercado. Mas esta sentença apenas se referia aos longínquos tempos da República, em breve substituídos por uma predilecção comunitária pelo banho diário, que se transformou num acto social de máxima importância para a sociedade romana. O banho foi tão importante para os romanos que o edifício no qual se desenrolava todo o “ritual” se transformou num dos mais emblemáticos símbolos da presença de Roma, mesmo em províncias do império tão longínquas como a Lusitânia.

Recuemos até ao séc. I d.C., sem esquecer que quando nos referimos às termas romanas não nos devemos deixar confundir pela noção actual de termas e, muito menos, pelos agora tão afamados *spa*, que

correspondem a um conceito puramente contemporâneo. As qualidades terapêuticas das águas eram bem conhecidas pelos romanos, sendo estas propriedades salutíferas atribuídas à presença de deuses e ninfas. Muitas dessas fontes foram aproveitadas em época romana, como aliás aconteceu com as vizinhas termas de Cabeço de Vide, onde, em 1819, durante a construção do primeiro edifício termal, se encontraram numerosos vestígios de canalizações e tanques revestidos a mármore, provavelmente pertencentes a um edifício termal romano. Estabelecemos então uma primeira separação entre os, assim chamados, edifícios termais terapêuticos e os higiénicos, sendo estes últimos os que aqui nos interessam.

1. O “ritual” do banho

Os textos clássicos são as fontes principais para conhecermos os passos do banhista romano. As palavras dos médicos Celso e Galieno, mas também os testemunhos do poeta Marcial, de Séneca, Plínio ou de Petrónio, ou ainda os tratados de arquitectura de Vitruvius e Paládio, são fundamentais para entendermos as termas romanas.

O banhista entrava no edifício e despia-se no *apodyterium*, um vestuário onde normalmente existiam bancos e armários ou nichos na parede destinados às roupas e aos pertences pessoais. Depois era friccionado com óleos perfumados, para de seguida praticar alguns exercícios, entre os quais alguns jogos de grande sucesso realizados com uma bola, que tanto poderiam decorrer no interior ou no exterior do edifício. Após esta primeira “sudação” estava o banhista pronto para embarcar no processo termal propriamente dito. Ele teria várias escolhas à sua disposição. O percurso mais comum iniciava-se com a visita à sala tépida, *tepidarium*, onde calçaria umas sandálias em madeira, para não queimar os pés. Deste ambiente passava para a sala mais quente, o *caldarium*, retornando à sala tépida, e transitando para a sala fria, o *frigidarium*. Neste

percurso podia o banhista integrar outras acções, dependendo da dimensão e luxo do edifício termal, mas também do gosto pessoal. Por exemplo, poderia optar por visitar a sala mais quente (*sudatorium*) ou tomar um banho de imersão nas banheiras de água quente (*alvei*) situadas no *caldarium* ou, se assim o permitisse o balneário, nadar na piscina exterior, a *natatio*. Durante este processo, e possivelmente no *tepidarium*, o banhista era “raspado” com um *strigilis*, uma espécie de raspador que servia para retirar o óleo do corpo e as sujidades. A ordem e o número de vezes que o banhista recorria este percurso eram do livre arbítrio de cada um, apesar de médicos como Celso recomendarem iniciar o banho na sala mais quente e alternar com banhos frios. Nas termas de *Abelterivm* era possível seguir quase todos estes passos.

2. As termas de *Abelterivm*

Apesar de o edifício termal que podemos visitar em Alter do Chão ser a sùmula de vários momentos construtivos, ensaiamos aqui uma proposta que nos permite entender o funcionamento desta importante construção.

O primeiro edifício era pequeno e desenvolvia-se



Fig. 1: Termas de *Abelterivm*

linearmente num conceito arquitectónico simples. É difícil distinguir os contornos da primeira fase da zona fria termal. O estado actual da escavação não nos permite entender como se procedia o acesso a este primeiro recinto termal, nem como se desenhava o edifício na sua vertente oriental; todavia, percebemos que neste primeiro balneário, uma zona fria, se estendia para poente, porventura funcionando como *frigidarium* e *apodyterium*, se aceitarmos que a pequena piscina com dois degraus, situada a oeste (15), faria parte deste primeiro balneário. Daqui entrava-se num *tepidarium*, (14) de planta quadrangular e aquecido por um *hypocaustum*, do qual apenas podemos observar o pavimento da segunda fase. Este *tepidarium* dava acesso ao *caldarium* (8), também ele de planta quadrangular, sendo ambos os espaços aquecidos por uma fornalha situada a oeste. No lado sul do *caldarium*, um pequeno espaço rectangular (7), também ele aquecido por meio de um *hypocaustum*, deverá ter contido um *alveus*, ou seja, uma pequena piscina de água quente, neste caso, com uma capacidade aproximada para quatro pessoas.

Num momento posterior, de difícil datação, alguns dos espaços deste edifício são remodelados. Presumivelmente o *tepidarium* é ampliado para sul e repavimentado com placas de mármore das quais se

conservam os negativos na argamassa. Talvez nesta mesma empreitada é refeito o sistema de aquecimento parietal, do qual se conservam, nesta sala, os vestígios dos encaixes com o pavimento. É provável que a par destas intervenções se remodelassem a sala 12 e o *frigidarium*, ampliado com a construção de uma nova piscina de água fria, de maiores dimensões que a anterior. Por fim, e talvez volvidos poucos anos, todo o edifício é remodelado e ampliado. A sul são construídas duas novas salas aquecidas (19 e 18) e a oeste outras duas (9 e 5), bem como integrado um pequeno *sudatorium* (10, sauna de ar seco). Esta expansão da área termal, e remodelação da existente, exigiram um realinhamento do espaço. Todo o sistema de aquecimento teve de ser repensado. A zona fria foi alargada para acompanhar o conjunto e uniu uma segunda zona aquecida, situada a nascente (25), mas da qual nada podemos dizer para além da existência de *suspensurae*, pois ainda não foi escavada. As salas aquecidas que nesta fase foram levantadas aproveitaram o declive do terreno para construir os *hypocausta*. A sala 19, com uma clara diferença de cota em relação ao antigo edifício, conserva os negativos de uma possível escadaria na parede norte e as bases dos arcos pertencentes à *suspensurae*, que suportou o nível



Fig. 2: Pavimento sobre *suspensurae* da sala 14

de circulação e que era aquecido por uma fornalha situada a sul, alinhada a uma outra fornalha que aqueceu a sala contígua (18) parcialmente escavada e que conserva, desabado, o pavimento original. Um espaço de dimensões consideráveis (com cerca de 60 m²) alinhava com este novo acrescento a oeste (9 e 5). Aqui, a antiga fornalha do *caldarium* foi englobada pelo novo espaço aquecido, e parcialmente demolida para servir como suporte do novo pavimento. É provável que neste novo espaço estivesse um *alveus* (piscina de água quente) encostado à parede oeste e directamente

aquecido pela fornalha contígua, da qual se conservaram também os degraus de acesso à caldeira, e, no lado oposto, a base do que seria a pequena cisterna de abastecimento.

A norte deste grande *caldarium* foi construído o *sudatorium* (10), com pouco mais de 6 m² onde o banhista podia experimentar, num ambiente seco, a temperatura mais elevada de todo o espaço termal.

Daqui, o banhista podia retornar no espaço frio, *frigidarium*, e fazer uma breve imersão numa das piscinas de água fria (15 e 22). O estado actual da



Fig. 3: Primitiva fornalha entre a sala 8 e 9



Fig. 4: Pormenor do sistema de *suspensurae* entre a sala 8 e o espaço 7

escavação ainda não nos permite entender qual a relação entre esta zona do edifício termal e as salas situadas a norte. Na mais afastada conservaram-se no pavimento as marcas do que terá sido uma fonte (12). Terá sido um *labrum* (fonte de água fria)?

Neste mesmo conjunto um outro espaço desperta a nossa atenção. Parte de uma “sala” revestida com um reboco impermeabilizante ocupa a zona central de um pátio circundado por quatro corredores dos quais apenas três se encontram escavados. Para que serviu este espaço? Seria uma cisterna que abasteceu o conjunto termal? Ou serão estes os vestígios de uma piscina ao ar livre? Não nos faltam exemplos de piscinas ao ar livre com estas dimensões. Numa fase anterior do edifício termal da *villa* de Pisões¹ (Beja) uma pequena piscina de 6 m por 4,5 m ocupava o centro de um amplo ambiente. Na *villa* de São Lourenço², em Monsanto (Idanha), uma piscina de dimensões semelhantes às de Alter do Chão estava no interior do balneário; já no Monte da Ovelheira³, em Ajuda (Elvas), uma impressionante *natatio* com cerca de 10 metros de comprimento e escadaria de acesso integrava um edifício termal de presumível natureza privada. Mas em Cerro da Vila⁴, no Algarve, o majestoso edifício termal tem uma *natatio* de dimensões semelhantes às

do edifício de Alter, e o edifício termal augustano que em Conimbriga antecedeu as imponentes Termas Sul oferecia aos banhistas uma *natatio* de planta quadrangular, com 10,25 m de lado e rodeada por um pórtico⁵. Todavia, estes exemplos não dissipam todas as dúvidas sobre a verdadeira funcionalidade deste espaço.

As águas provenientes desta estrutura, das piscinas do *frigidarium* e de outras construções situadas a oriente, na zona não escavada, desaguavam para sul através de uma vasta rede de canalizações subterrâneas. Presentemente podem-se observar algumas delas que serpenteiam no pavimento do *frigidarium* e cujo destino é uma cloaca de direcção este/oeste. Esta cloaca, escavada na rocha e seguindo a pendente do terreno, conduzia a um outro espaço, situado fora do edifício termal, mas com ele relacionado.

A uma prudente distancia e com orientação divergente, foram construídas as latrinas (2), ou *foricae* se aceitarmos a sua utilização pública. Com aproximadamente 10 m², eram um pequeno edifício com um banco feito em alvenaria, encostado a duas das suas paredes e no qual assentavam placas, talvez de mármore, com um orifício ovóide, muito semelhante aos actuais assentos sanitários. Por baixo do banco



Fig. 5: Pormenor latrinas

¹ Reis, 2004: n.º 039; García Entero, 2005: p. 385 - 389

² Reis, 2004: n.º 056; García Entero, 2005: p. 406

³ Reis, 2004: n.º 088; García Entero, 2005: p. 456

⁴ Reis, 2004: n.º 066; García Entero, 2005: p. 434 - 436; Teichner, 2008: p. 271 - 409

⁵ Reis, 2004: n.º 006.

corria a água proveniente da cloaca, assegurando a limpeza constante do canal. No pavimento, junto a uma das paredes, conserva-se, ainda hoje, a marca do que terá sido uma pequena fonte, que permitia aos utilizadores lavarem as mãos e molharem as esponjas com que se lavavam. Não eram estas latrinas individuais, mas sim colectivas, numa intimidade para nós impensável, mas comum em época romana. Estas latrinas estavam situadas junto à zona de serviço do edifício termal, área que permitia o acesso às fornalhas alimentadas pelos escravos, bem como a três pequenas salas quadrangulares (2, 3 e 4) provavelmente dedicadas ao armazenamento da lenha e dos utensílios relacionados com o funcionamento das termas.

A decoração deste edifício incluía revestimentos com placas de mármore, mas desconhece-se se recebeu outro tipo de acabamentos, ainda que das primeiras campanhas de escavação se refiram fragmentos de estuque e pintura figurativa representando elementos vegetais. A sala 12 esteve decorada com um mosaico do qual se conservam alguns testemunhos, sendo de destacar a sua larga moldura em espiga. Das escavações mais antigas são provenientes alguns materiais que poderão vir a ser associados a este edifício termal, um fragmento de estuque com a representação de um volto feminino poderá ter pertencido às paredes da sala 12. Também nestas salas foram recolhidos dois fragmentos de base de estátuas. Uma base com um pé direito e a tibia esquerda encostada a um tronco, que poderá corresponder a uma representação de Dionísio jovem com o tronco onde apoiava a lira, datável do século I ou II⁶. Uma segunda base, fragmentada, é também daqui proveniente, conservando dois pés em posição de *contrapposto*. Pertenceria a uma representação dita de vulto redondo, ou seja, que podia ser admirada de todos os ângulos⁷. Já nas últimas campanhas de escavação foi recolhida uma cabeça de estátua representando uma menina, mas esta estava associada ao interessante *viridarium*⁸ que anunciava a magnífica sala decorada com o mosaico representando o rei Turnus, ajoelhado perante Eneias, pedindo clemência⁹, um dos derradeiros episódios da Eneida de carregado conteúdo moral¹⁰. Mas deveremos aguardar pela

publicação, e estudo, do espólio das campanhas arqueológicas para melhor entender os programas decorativos destas termas.

3. Públicas ou privadas: a natureza do edifício termal.

Mas seriam estas termas públicas ou privadas? A questão não tem resposta simples. Por um lado temos as características estruturais deste edifício termal, com uma dimensão e número de salas aceitáveis num contexto público, ou mesmo de exploração comercial privada, por outro lado, devemos compreender o enquadramento deste edifício. O edifício termal encontra-se no seguimento de um corredor de uma *domus*¹¹, de indiscutível valor artístico, separado desta por um espaço porticado ao centro do qual pode ter funcionado uma *natatio* (11). Mas as termas não surgem inegavelmente ligadas e alinhadas a esta *domus*¹². Há uma ligeira torção dos alinhamentos ainda que no geral a orientação da estrutura seja idêntica. Outro ponto de desunião é a planta equilibrada, e em esquadria, da *domus*, com um discurso decorativo estruturado em torno a um jardim decorado com fontes e estatuária, em oposição à planta do edifício termal, com desalinhos e sucessivas readaptações de espaços e sem aparente relevância decorativa do seu interior, à parte dos revestimentos em mármore, que nesta região não devem ser olhados como uma excepção. Seria pois este edifício o balneário da *domus*? Assim poderá ter sido numa fase inicial que apesar da ausência de registo estratigráfico poderíamos recuar a meados, finais, do século I, ocorrendo uma desanexação numa fase posterior. Deverá ser procurado um muro limite da *domus* algures entre o cubículo sudoeste da casa e o espaço porticado (11) com ou sem *natatio*. A sala 12, decorada com mosaico, e com um *labrum* central, não faria parte da *domus*, ou se fez deverá recuar a uma fase anterior.

Pode-se conjecturar que a entrada às termas era realizada a sudoeste, ou seja, por um amplo corredor, a ambos os lados do qual se desenrolavam os espaços aquecidos, ou através de uma outra solução a sudeste, que a área actualmente escavada não permite antever.

É também necessário asseverar a natureza jurídica deste núcleo. Todos os indícios apontavam para associar estas estruturas a *Abelterium*, *mansio* referida no

⁶ Gonçalves, 2007: n.º 281; Jorge Alarcão e Helena Paula Carvalho associaram esta base de estátua a uma possível representação de uma Vénus.

⁷ Gonçalves, 2007: n.º 282.

⁸ Caetano et al. 2011: p. 221; António, 2011: p. 431 - 434

⁹ Caetano et al. 2011: p. 205 - 220

¹⁰ Burnell, 1987:186-200.

¹¹ Caetano et al. 2011: p. 221; António, 2011: p. 431 - 434

¹² Nesta mesma revista Jorge António sugere uma outra leitura e propõe ser esta uma *villa* suburbana da *Abelterium*.

itinerário antonino¹³, dúvida definitivamente esclarecida, pelo menos no que diz respeito ao topónimo, pelo achado de um *imbrex* grafitado proveniente da cobertura da *domus*¹⁴. Se este núcleo chegou a ser capital de *civitas*, como é sugerido por alguns autores, é questão ainda não resolvida, mas estas termas poderiam, sem margem para dúvidas, estar integradas num importante *vicus*, que certamente desempenhou um papel fundamental neste eixo viário entre Olisipo e a capital lusitana Augusta Emerita, do qual em Alter se localizou um miliário de Constâncio Cloro¹⁵, e ao qual está associada a magnífica ponte de Vila Formosa, sobre a ribeira de Seda. Assim sugerimos anteriormente¹⁶ e as sucessivas ampliações do edifício, bem como a sua ampla zona aquecida, ainda que compartimentada, são compatíveis com uma utilização semipública. Um espaço inicialmente privado que seria alugado pelo proprietário para exploração, como no sempre citado exemplo da casa de Iulia Felix, em Pompeia.

Ainda que se desconheça a estrutura urbana deste *vicus*, a presença de uma robusta estrutura sobre a qual se ergueu o castelo de Alter, algumas marcas visíveis nos levantamentos aerofotogramétricos e a presença de uma necrópole tardo-romana¹⁷ importante na área sul da vila actual, associada à via romana, são fortes indícios de um aglomerado secundário que poderá ter tido uma expressão urbana importante. Encontramos outros exemplos lusitanos de *vicus* como Monte da Nora (Elvas) ou Tróia (Setúbal) onde também existe um edifício termal, sem dúvida articulado com a actividade fabril que aí se desenrolava em larga escala, e salvaguardando as distâncias entre ambos os edifícios termais, um modelo a ter em conta quando abordamos as termas de *Abelterium*. Note-se que a área das termas de *Abelterium*, ainda não totalmente definida, já é superior à das termas da Muralha, em Conimbriga, estas últimas indiscutivelmente de natureza pública.

4. Construção, utilização e abandono das termas e a sua reutilização

Não contamos com dados estratigráficos, nem com estudo de espólio, das campanhas de escavações que libertaram da terra estas termas. Não obstante a publicação dos resultados das sucessivas campanhas, e

mesmo um breve relato de Maria Cândida Hespanha¹⁸, não se esclarece esta questão, remetendo para um abrangente século II. As campanhas dos anos oitenta também não aclararam qualquer interpretação estratigráfica. São, pois, os muros e alguns dos pavimentos, sendo de salientar que duas das salas (18 e 14), pelo menos, conservam o seu pavimento original ainda assente sobre *suspensurae*, os únicos testemunhos dessa sequência construtiva e que num futuro deverão ser objecto de um cauteloso e acurado estudo. É provável que a utilização deste edifício, que condensa sucessivas reparações, ampliações e readaptações, se tenha prolongado por um período distendido, mas a sua reutilização no séc. VI também é um bom indicativo da longevidade deste equipamento.

No interior da piscina de maiores dimensões do frigidarium foram depositados três enterramentos, em sepulturas feitas com material reutilizado, inumações datadas por radiocarbono entre o séc. VI e VII¹⁹. A organização destas sepulturas e a colocação de um novo pavimento em *opus signinum* no frigidarium são indícios da reconversão deste espaço num *oratorium*, ou mesmo numa basílica à qual estaria associada uma necrópole. A reutilização do edifício termal, que estaria ainda em boas condições, e a sua reconversão em espaço sagrado, vem na esteira do que se tem vindo a documentar noutros núcleos urbanos, como por exemplo em Conimbriga, onde as majestosas Termas Sul terão sido em parte reaproveitadas como espaço religioso, ao qual se associava uma vasta necrópole. É também algo vulgar que a escolha dos novos espaços de culto recaísse sobre antigos edifícios termais, não tanto por questões morais, ainda que estas não fossem esquecidas, mas fundamentalmente práticas: eram edifícios com piscinas utilizáveis como baptistérios e salas amplas que acolhiam a reunião dos fiéis. Assim é também interessante observar como alguns equipamentos termais são reconvertidos em espaços sagrados da nova religião vigente²⁰, enquanto outros se mantiveram abertos ao público, evoluindo para edifícios com outras características arquitectónicas menos sumptuosas, e arquitectonicamente de maior simplicidade.

Sinais de novos tempos em *Abelterium* são as marcas que actualmente observamos no interior do pátio porticado com *natatio* (11). No centro foi aberto um

¹³ Carneiro, 2008: p. 62, 63; Mantas, 2012: p. 169 – 171.

¹⁴ Encarnação, António, 2009: p. 197 – 200.

¹⁵ Encarnação, Nisa, 2006: n.º 374.

¹⁶ Reis, 2004: n.º 083

¹⁷ Reis, António, 2011: p. 435 – 438\1

¹⁸ Hespanha, 1963

¹⁹ António, 2011: p. 433

²⁰ Jiménez Sánchez, Sales Carbonell, 2004.

poço e eventualmente instalado um sistema de elevação de água do qual apenas se conservam os negativos no pavimento. Não se encontra datado, mas será de época medieval, ou mais recente.

Depois, o edifício termal, e a *domus*, serão esquecidos e o buliço dos banhistas apenas recordado pelas vozes dos turistas.

Bibliografia

Jorge António, José d'Encarnação, "Grafito identifica Alter do Chão como Abelterium", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12. 1, 2009: p. 197 – 200.

Jorge António, "Projecto de recuperação e valorização da estação arqueológica de Alter do Chão", *Arqueologia do Norte Alentejano, comunicações das 3ª jornadas*, Lisboa, Edições Colibri, 2011: p. 430 – 434

Peter Burnell, "The Death of Turnus and Roman Morality", *Greece & Rome, Second Series*, Vol. 34, No. 2, Cambridge University Press, 1987: p. 186-200

Mª Teresa Caetano, Cátia Mourão, Jorge António, "A "Portrait" of Book XII of the *Aeneid*: the Mosaic of the «House of the Medusa (Portugal, Alter do Chão)", *XI International Colloquium on Ancient Mosaics (2009)*, AIEMA, Bursa, 2011: p. 205-224

André Carneiro, *Itinerários Romanos do Alentejo. Uma releitura de "As grandes vias da Lusitânia – o itinerário de Antonino Pio de Mário Saa cinquenta anos depois*, Edições Colibri, 2009

Virginia García Entero, *Los balnea domésticos – ámbito rural y urbano en la Hispania Romana*, Anejos de Archivo Español de Arqueología, Madrid, 2005

Luís Jorge Gonçalves, *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*, Studia Lusitana, 2, MNAR, Mérida, 2007.

Maria Cândida Hespanha, *Estudo comparativo das termas romanas em Portugal*, Tese de licenciatura, Coimbra, 1963.

Juan Antonio Jiménez Sánchez, Jordina Sales Carbonell, "Termas e iglesias durante la antigüedad tardía: ¿reutilización arquitectónica o conflicto religioso? Algunos ejemplos hispanos.", *Sacralidad y Arqueología: homenaje al Prof. Thilo Ulbert*, XXI, 2004: p. 185-201.

Vasco Mantas, *As vias romanas da Lusitânia*, Studia Lusitana, 7, MNAR, Mérida, 2012.

Maria Pilar Reis, *Las termas y balnea de Lusitania*, Studia Lusitana, 1, MNAR, Mérida, 2004.

Marta Pinto Reis, Jorge António, "Alter do Chão na antiguidade tardia: estudo de antropologia funerária", *Arqueologia do Norte Alentejano, comunicações das 3ª jornadas*, Lisboa, Edições Colibri, 2011: p. 435 – 438

Felix Teichner, *Entre tierra y mar*, Studia Lusitana, 3, MNAR, Mérida, 2008.